

GT11: Antropologia das práticas esportivas e de lazer

Leonardo Turchi Pacheco, José Ronaldo Fassheber

O presente Grupo de Trabalho propõe dar continuidade e ampliar as reflexões realizadas em mais de vinte anos de reuniões anteriores da RAM e RBA nos diversos grupos de Antropologia das práticas esportivas e de lazer. Nesse sentido, tem por objetivo reunir antropólogos e demais cientistas sociais que realizam pesquisas no campo de estudos das práticas esportivas e do lazer. Os estudos desse campo antropológico permite diálogos e reflexões de dimensões plurais. Deste modo, as dimensões entre esporte, lazer e política; a defesa de direitos das práticas esportivas e de lazer de diversos grupos sociais e suas relações e articulações com a formação das identidades sociais (gênero, etária, étnica, nacional), as territorialidades urbanas e naturais, as maneiras de sociabilidade, as adaptações, as emoções e afetividades, as moralidades, a construção de corpos, a produção social de jogadores e atletas, a violência, o parentesco, os eventos e práticas esportivas ou de lazer englobam o escopo das investigações que constituem esse Grupo de Trabalho.

Torcer na Pandemia: Uma etnografia sobre as dinâmicas dos torcedores organizados durante a pandemia de covid-19 em Maceió- Alagoas.

Autoria: João Victor Mendes

No início de 2020, o Brasil se viu assolado pela pandemia de covid-19, que já causava desordem em todo mundo. Aqui o "lockdown" chegou de maneira tardia, porém contribuiu significativamente para modificar as dinâmicas da nossa sociedade. Sair a rua era perigoso, ir ao mercado, ao shopping ou em um jogo de futebol. Somos conhecidos mundialmente como o país do futebol, clubes e torneios movimentam semanalmente milhares de torcedores, que se deslocam de suas casas até as arenas esportivas, para confraternizar e apoiar seus clubes. Com a pandemia, toda essa circulação ficou suspensa durante meses, os torcedores não tinham como externar a paixão pelos seus clubes, em detrimento dos protocolos de saúde. Este artigo, surge de observações participantes e etnografias, oriundas da minha pesquisa de mestrado na cidade de Maceió-Al, acompanhando de perto as atividades da Torcida Organizada Mancha Azul, principal instituição torcedora do Centro Sportivo Alagoano (CSA). A torcida organizada é vista como um importante ponto de sociabilidade, que agrupa indivíduos heterogêneos, em torno de um único objetivo (SIMMEL, 2006). Impossibilitados de frequentar os estádios de futebol, esses torcedores criaram estratégias, até então, inéditas para apoiar seus clubes e manter a sociabilidade torcedora. Essa nova dinâmica, consistia em colocar as faixas e bandeiras da torcida nas arquibancadas vazias dos estádios de futebol, sem cânticos, ou performances, a colocação desse material representava simbolicamente o domínio da torcida naquele espaço de concreto, que mesmo vazio, continuava sendo seu pedaço (MAGNANI, 2002). Pude acompanhar de perto toda a preparação do material da Mancha Azul, desde a escolha do material na sede da torcida, o trajeto onde os torcedores se apropriaram das ruas da cidade em comboio (MAGNANI, 2002), até sua colocação e retirada no estádio Rei Pelé. Dito isso, o objetivo é demonstrar com relatos etnográficos, como os torcedores organizados em Maceió, driblaram as adversidades impostas pelo covid-19, e resignificaram sua maneira de torcer e representar sua torcida.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

